



No Canadá o recenseamento de 1871 accusava a existência de 471 centenários.

Em Buenos-Ayres vive um negro, Bruno Catrim, que tem 150 annos.

Segundo a estatística de U. Solarelle, havia na Europa em 1870, 62.703 individuos que já estavam além dos cem annos.

A Irlanda contava 195 centenários, não ha dez annos ainda.

Na Serbia ha tres macrobios que regulam de 135 a 140 annos, 18 de 127 a 135 e 190 de 115 a 125 annos.

Na Roumania conta-se mais de 1000 centenários. Na Rússia cita-se o caso de um velho da Livonia que chegára a 168 annos.

Vira a batalha de Pultava em 1709.

Na Hungria, onde os centenários são relativamente raros, dois velhos acabam de festejar o centesimo anniversario de seu casamento. Esses dois patriarchas chegaram de 115 a 120 annos.

No seculo passado morriem, em Temesvar, Pedro Czortan, com 193 annos; seu filho mais velho tinha 155 annos.

Na França os casos de longevidade não são menos numerosos; esse paiz possuia, no começo de 1897, 213 centenários, enquanto a Allemanha apenas contava 78 e a Inglaterra 140.

## Relógio parado

(Conclusão)

VI

Quando voltei ao Rio de Janeiro, tinham já passado muitos mezes do combate da Encruzilhada. Meu nome figurou não só em partes officias como em telegrammas e correspondencias, por mais que eu buscasse esquivar-me ao ruído e desaparecer na sombra da força cega e anonyma. Recelhi cartas de felicitações e de indagações. Tive cumprimentos publicos em Porto Alegre. Podia vir para o Rio em occasião e circunstancias que dessem logar a recepção brilhante; preferi ficar em S. Paulo, e, uma noite, sem ninguém saber, entrei na Capital Federal pela estrada de ferro, e um tilbury, cujo numero ignoro, me trouxe a casa de pensão do Cattete.

Não procurei logo Maria Rita. Parecem-me até mais acertado que a noticia da minha vinda lhe chegasse por via dos jornaes, afim de preparal-a a receber-me. Não tinha pessoa que lhe falasse; vexava-se ir eu mesmo a alguma redacção pedir que annunciasse a minha volta do Rio Grande; não era passageiro de mar, cujo nome viesse em lista nas folhas publicas. Passaram dous dias; no terceiro, abrindo uma destas, dei com o meu nome.

cial da minha acção militar, mal se comprehendera aquella hesitação: mas, se considerardes que, por mais que me defendesse do marido e o matasse para não morrer, elle era sempre o marido, teras entendido o máo-estar que me fez adiar a visita. Resolvi adial-a ainda uma semana. Afinal peguei em mim, e fui ao Rio Comprido.

Maria Rita estava de luto. Tinha lido a noticia da morte do marido nos jornaes, confirmada por cartas do Rio Grande, e adoptou naturalmente a distincção da viuvez. Recbeu-me com bondade, e repetiu-me, como a tia, as felicitações escriptas. Fallamos da guerra civil, dos costumes do Rio Grande, um pouco de politica, e mais nada. Nada se disse de João da Fonseca. Ao sair de la, perguntei a mim mesmo se Maria Rita estaria disposta a casar conmigo.

— Não me parece que se negue a isto, embora não lhe ache maneiras especiaes; creio até que esta menos affavel que d'antes... Terá mudado de veras?

Pensei assim, vagamente. Atribui a tal ou qual alteração de Maria Rita ao estado moral da viuvez; era natural. E continuei a frequental-a, inclinado a deixar passar a primeira phase do luto para pedir-lhe formalmente a mão. Não tinha que fazer declarações novas; ella sabia tudo. Maria Rita continuou a receber-me bem. Nenhuma pergunta me fez sobre o



### OS ABANDONADOS

Paris possuiu em um só anno (1831) vinte pessoas maiores de cem annos.

Na média a vida das mulheres é muito mais longa que a dos homens.

Na França o caso de maior longevidade de que ha memoria é o de uma camponeza do Haute-Garonne, que chegou a 158 annos.

Vivia de queijo e de leite de cabra. Seu corpo, que não pesava mais de 21 kilos, era um perfeito pergaminho.

Dos centenários, uns bebem vinho, outros não bebem, uns fumam, outros tomam tabaco, outros nem uma coisa nem outra. Quasi todos dormem muito. Detalhe importante e que é preciso consignar: quasi todos esses centenários têm, entre seus antepassados, um pai ou avô que viveu perto de cem annos e den provas, durante sua vida, de um vigor excepcional. Todos mais ou menos comprehenderam bem a vida.

Souberam amar a existência, trabalhando e repouso regularmente, não pensando na morte, para que a morte não pensasse nelles. Foram equilibrados, regulares e prudentes; humildes de coração, limitados em seus desejos, viveram longe das honras e da

Dizia-se alli que viera de S. Paulo e estivera nas lutas do Rio Grande, citavam-se os combates, principalmente o da Encruzilhada, tudo com adjectivos de honvor. Podia parecer que eu mesmo dera as notas; a verdade é que apenas fallara a tres ou quatro amigos. Um desses, um algum *reporter* de faro transmittira provavelmente a communicação. Esmim estava sabido e impresso que eu me não batera mal. Os parabens começaram a vir por meio de cartas e cartões, e as visitas pessoasas succederam-se. Os visitantes queriam saber tudo, eu pouco mais disse que nada, e a discrição propria da minha situação moral era attribuida á modestia do vencedor. Também não faltou quem visse naquillo tal ou qual orgulho, e tive de aguentar com esta opinião.

Entre as cartas e cartões esperei algum de Maria Rita, mas so sete dias depois da noticia me chegaram as mãos as felicitações della e da tia. Dous simples cartões com palavras de boas vindas. Não era preciso mais; restava-me ir agradecer-lhes, e dispuz-me a isso; mas no proprio dia em que resolvi ir ao Rio Comprido tive uma sensação de... De que? Expliquem, se podem, o acanhamento que me deu a lembrança do marido de Maria Rita, morto ás minhas mãos; a ideia do que itia sentir deante della tolhe-me inteiramente. Sabendo-se qual foi o myovel muni-

marido, a tia também não, e da propria revolução não se fallou mais. Pela minha parte, tornando a situação anterior, busquei não perder tempo, fiz-me assiduo, e constitui-me pretendente com todas as maneiras do officio. Um dia perguntei-lhe se pensava em tornar ao Rio Grande.

— Por ora não.

— Mas irá?

— É possível, mas não tenho plano nem prazo marcado; é possível.

Eu, depois de algum silencio, durante o qual olhava interrogativamente para ella, acabei por inquirir se antes de ir, caso fosse, não alteraria nada em sua vida.

— A minha vida está tão alterada...

Não me entendera; foi o que supuz. Tratei de explicar-me melhor, mas em outro dia, e escrevi uma carta em que lhe lembrava a entrega e a reusa da primeira, e elle pediu francamente a mão. Dei-lha com estas palavras:

— Desta vez não recusará ler-me.

Não recusou, accitou a carta franca e singellamente. Foi á suda, á porta da sala. Creio até que lhe vi certa commoção de bom agouro. Não me respondeu por escripto, como esperei. Passados tres dias, estava tão animado que resolvei ir.

nho, imaginei tudo, que me recusasse, que me aceitasse, que me adiasse, e já me contentava com esta última hypothese, se não houvesse de ser a segunda. Não a achei em casa; tinha ido passar uns dias na Tijuca, sai de lá aborrecido. Pareceu-me que não queria absolutamente casar; mas então era mais sim-

razão decisiva para não crel-o, embora a appatencia fosse um tanto fria. Ultimamente, entrei a crer que ainda gostava, um pouco por vaidade, um pouco por sympathia, e não sei se por gratidão também; tive alguns vestigios disso. Não obstante, não me deu resposta à segunda carta. Ao voltar da Tijuca, vinha

— Meu marido pôde não estar morto. Espantou-me esta objecção

— Mas a senhora está de luto.

— Tal foi a noticia que li e me deram, mas pôde não ser exacta; tenho visto desmentir outras que se reputavam certas.



L. M. IN IERMEZZO

ples dizel-o ou escrevel-o. Esta consideração trouxe-me esperanças novas.

Tinha ainda presentes as palavras que me dissera, quando me devolveu a primeira carta, e eu lhe falei da minha paixão: «Supponha que eu o amo; nem por isso deixo de ser uma senhora casada». Era claro que gostava de mim então, e agora mesmo não havia

menos expansiva, acas i mais triste. Tive eu mesmo de lhe falar na materia; a resposta foi que não casaria, por ora.

— Mas um dia...? perguntei depois de algum silencio.

— Estarei velha

— Mas então... será muito tarde?

— Quer certeza absoluta? perguntei. Eu posso dala.

Maria Rita empallideceu. Achei naquillo um signal de que ainda amava o marido, e nutria a esperanza de rehavel-o. Inquiriu-me com alvoroço. Certeza? Que certeza? Queria que lhe contasse tudo, mas tudo.

A situação era tão penosa para mim que não he-

sítei um instante, e depois de lhe dizer que era minha intenção não lhe contar nada, como não contara a ninguém, em fazel o unicamente para obedecer à sua intimação. E referi o combate, as suas phrases todas, os risos, as palavras, e finalmente a morte de João da Fonseca. A ancía com que me ouvia foi grande, e não menor o final abatimento; e ainda assim dominou-se, e perguntou-me:

— Jura que me não está enganando?  
— Para que enganar-a? O que tenho feito é bastante para lhe provar que sou sincero. Amauhá, trago-lhe outra prova, se é preciso mais alguma.

Levei-lhe os cabellos que cortara ao cadaver. Antes de os dar, contei-lhe e confesso que o meu fim foi irrital-a contra a memoria do defuncto; contei-lhe o desespero da Prazeres. Descrevi esta mulher, e as suas lagrimas. Maria Rita viu-me com os olhos grandes e perdidos; estava ainda com ciúmes. Quando mostrei os cabellos do marido, atirou-se a elles, recebeu os, beijou-os, chorando, chorando, chorando... Entendi melhor sair, e sair para sempre. Dias depois recebi uma carta, em resposta à minha, recusando casar.

Nessa carta havia uma palavra, que é a unica razão de escrever esta narrativa: « Comprehendo que eu não podia aceitar a mão do homem que, embora lealmente, matou meu marido ». Comparei a a esta outra que me dissera antes, quando eu me propunha sair a combate, mata-lo e voltar: « Não creio que ninguém me ame com tal força ». E foi esta palavra que me levou à guerra. Maria Rita vive agora reclusa; de costume manda dizer uma missa por alma do marido, no anniversario do combate da Encruzilhada. Nunca mais a vi; e, cousa menos difficil, nunca mais esqueci dar corda ao relógio.

FIM

MACHADO DE ASSIS.

### A arte de se casar!

Não ha nada tão bom, como um casamento harmonioso. (Platina)  
O casamento é um espinho que produz rosas. (S. Jeronymo.)

Em que pensam as moças?

Que pensamento secreto e mysterioso trabalha por traz d'esta fronte tão graciosa, tão despreocupada, quasi grave hoje!

Que visão interior enche esses lindos olhos que, até então, se fixavam sobre os vossos com uma tão triumphante ingenuidade e que agora, desde que mentais interrogal-a, voltam-se timidamente, como culpados apanhados em falta?

Mas em que podem pensar as moças senão em um marido?

E ellas o querem, bello, encantador, com o olhar altivo, bigode retorcido; com isso, cavalheiresco, generoso, prompto a todas as dedicações, como a todas as aventuras; um heroe de romance! Ah! a realidade não tardará talvez a lhes mostrar o marido sonhado sob cores mais prosaicas; e a desillusão então sera tanto mais amarga, quanto mais bello houver sido o sonho.

Sob o ponto de vista social o casamento é um pacto de assistencia mutua, um contracto entre dois seres diversamente dotados para a luta, mas que comprehendem que a união de suas duas forças será necessaria na boa e na má fortuna.

Sob o ponto de vista moral o casamento é a alliança e a posse em commun de crenças, de sentimentos, de qualidades hereditarias ou adquiridas, de gostos, de costumes.

Casar-se bem, eis tudo!

O problema é difficil mas não insolvel! Moralistas, philosophos, phisicologistas, traçaram regras, deram sabios conselhos tirados da observação ou da experiencia pessoal. Foi assim que o sabio professor italiano, M. Paolo Mantegazza, consagrou ultimamente um longo estudo a escolha de um marido. Pressemos em revista esse estudo:

#### MARIDO TYRANNO

Si a nossa sociedade já não conhece esses despotas caprichosos e cruéis que, pelo facto mesmo de sua monstruosidade moral, não eram desprovidos de uma certa grandeza, apresenta entretanto o espectaculo d'esse formigueiro de tyrannetes, minusculos que agem ao abrigo da lei e das convenções sociais. Imaginar-se-ia por ventura a existencia de uma pobre mulher presa nas garras de um d'esses despotas pequenos, que passeiam pelo casamento com os modos de um conquistador e ás vezes ás brutalidades de um alçoz?

A sua preocupação continua é fazer sentir à sua companheira ou aites a sua escravidão que é elle o senhor pela lei, o senhor indiscutivel e indiscutido, o que não transige com a omnipotencia que o codigo lhe delegou, e que na pratica da vida, julgaria abandonar uma parte de sua auctoridade si consentisse em aceitar alguma vez o parecer da desgraçada a quem se dignou de dar seu nome

E' lançar-se de cabeça baixa no inferno conjugal desposar um tyrannete assim.

Dá-se o mesmo, embora pareça extranho, quando elle é fraco e ella é tyranna.

O MARIDO FRACO — Este pôde ser dotado de um cerebro notavel e de um coração exquisito, mas não tem vontades e por isso se torna ridiculo e por vezes odioso aos olhos de sua mulher, que se sente humilhada, por encontrar um marido inferior a si mesma. Que importa que elle raciocine bem e seja justo, si hesita e

tergiversa, sempre que tem de tomar um partido? A fraqueza engendra as peiores desgraças e o homem que ella perde é tanto mais culpado quanto era o mais clarivamente.

O MARIDO FUGITIVO — Aqui é preciso que nos entendamos; não ama a sua mulher o homem que não recebe como a peior das catastrophes perder sua afeição.

Mas que pensar d'aquelle que, adorando sua companheira e sabendo-se amado por ella, perde-se em imaginat tormentos e em estraçar malevolamente sua felicidade pelas suspeitas, inquietações, todo o apparelho enfim de um ciúme que engloba até a afeição testemunhada pelos fillos a sua mãe?

A pobre mulher espiada, obrigada a medir seus menores gestos, revoltar-se ha ou cahirá em uma tristeza negra; e, em qualquer dos casos, foi um dia a sua felicidade e a sua tranquillidade.

Tem s ainda o marido avarejo, o marido prodigo, o marido libertino, e o marido rabugento que toma todas as coisas pelo lado peor, achá que consuir em cada uma de nossas palavras, em cada um de nossos actos, encoleris-se a proposito de tudo, falla um dia inteiro por um quasi nada, quer metter-se em tudo e pretende immiscuir-se ate mesmo na cozinha; o marido freguesso e o marido bregeiro que ambos so são bons para fazer entrar a ruina em casa.

#### A PROFISSÃO DO MARIDO

Não ha sómente a considerar o caracter no homem que se vai desposar, mas tambem a profissão. Nós vamos passar em revista as principaes carreiras escolhidas pelos jovens da burguezia e dizer de cada uma suas vantagens e seus inconvenientes matrimoniaes.

O marido negociante — Existe em França um prejuizo, bem que em verdade tenda a attenuar-se dia a dia, o mais inepto e o menos comprehensivel dos prejuizos, segundo o qual as profissões de negociante e industrial seriam, na hierarchia social, muito inferiores ás carreiras chamadas liberaes. E' de resto uma das manifestações do estraço estado de espirito em que se acha uma multidão de pessoas que apreciam os individuos na razão inversa de sua utilidade social.

Entretanto os gregos foram os mais habéis negociantes que tem havido, o que não os impedio de crear uma philosophia admiravel, uma arte que nenhum outro povo egualou. A superioridade commercial de Floreça confunde-se com o de seu desenvolvimento esthetico e scientifico.

Enfim ninguém negará que, por se ter tornado o senhor do commercio universal, o povo inglez tenha representado um papel capital em todas as scenas em que pode pronunciar-se o pensamento humano.

Se pois o moço que pretende vossa mão é de um caracter que vos convenha, se é negociante, longe de retrahir-vos, direis que sua profissão exige qualidades de reflexão, de trabalho, de methodo, essas occupações são talvez as que se pode mais facilmente esquecer de volta ao lar: isso não quer dizer que não seja bom marido ou bom pae, e basta olhar-se em volta para constatar que é no commercio que os casaes perfeitamente unidos são os mais numerosos.

O marido banqueiro. — E' um negociante tambem que vende ouro, prata e principalmente papeis de todas as côres cujo valor, todo convencional, pode de uma hora para outra ser elevado ao decuplo ou cahir em cousa alguma, o que não quer dizer que o banqueiro deixe de ser honesto.

Depois o genero lie suas occupações o constrange a uma existencia timida e brilhante e a frequencias tão numerosas quanto variadas. Enfim não lhe é possivel escapar a observação dos algarismos e sua mulher deve resignar-se a nem sempre encontrar nelle um auditor bem attento.

O marido industrial. — Esse será um pouco menos absorvido que o banqueiro, um pouco mais que o negociante. De todos os maridos que escolheis será o amor que vos favorecerá, e sem o querer, informações certas sobre seu caracter.

Informe-se do modo como elle trata seus qnerarios e teres, guardadas as necessarias proposições, o modo por que seis tratada caso venhaes a ser sua mulher.

Se for duro com os subaltemos, ficae certos de que sel-o-ha egualmente com vosco.

#### Partida

(A L. M. B.)

Parto d'aqui a solçar sedoso  
Deixando-te a s'frier anjo adorado  
Tenho mo olhar mol triste inaguardo  
vestigos de um pranto doloroso

Parto cheio de fé e esperançoso  
Tendo no peito teu amor guardado  
Lembrar-me hei sempre embora separado  
Do nosso affecto longo e carinhoso

E' solçando que d'aqui me idasto  
Em vez de ver o teu sorriso casto  
E visto a tua face lacrimosa

Deixa que eu parta em esp'ranças palpitante  
Pois si agora soffres como a monte  
Depois serás feliz como esposa.

Febrero — 18.

VICTOR R. NOBREGA.

#### Lazaristas

Fundador: S. Vicente de Pnula, nascido em 1576, perto de Daiz, Londres, tomou os ordens em 1600, e, tras a familia de Joigny; pôde fundar uma congregação destinada a pregar missões, primeiro na França, donde o titulo de padres das missões, ao qual se acrescenta o nome de S. Lazaro, do lugar em que elles se estabeleceam.

Regra; uma hora de oração por dia — fixames de consciencia. Leitura espiritual. Silencio, diversas horas por dia; regras muito brandas. Retiro absoluto durante uma semana. Duração do noviciado dous annos.

O geral é nomeado por toda a vida; tem numerosos estabelecimentos na Turquia, na Europa e na Asia, no Egypto, na Grecia, na Persia, na Allemânia, na Chiana (Pekim) e na America do Sul; Introduziram no Oriente as linguas allemã e francezas.

Superiores actuaes: Antonio Fiat, superior geral, residencia em Paris.

#### Alma parens!

Não abra alarum  
tuam protege me!  
(Platina)

ALMA cõr de rosa, santa eucharistia que purificou-me o coração em flôr!  
Seja a tua prece como a de Maria derramando os olhos cheios de agonia sobre os doces olhos de Nosso Senhor!...

ALMA protectora, delicada e pura, hostia consagrada consagrando o altar!  
Seja a tua prece cheia de doçura, sempre de amor cheia, cheia de ventura para o meu amparo, para o meu olhar!

ALMA bemfazeja, de azas de esperança, diluida em prantos, ao morrer Jesus!  
Seja a tua prece a bemaventurança que me orvide o peito de leal bonança para ao meu Calvario conduir a Cruz!

ALMA em flôr, sorrindo, qual visão querida que uma borva sonha sob o branco véo!  
Seja a tua prece a nubca dolorida, para que eu não veja muita morte em vida, para que minha alma veja um dia o Céu!

ALMA de creança, virgem do peccado, alma de innocencia no primeiro alvor!  
Seja a tua prece balsamo sagrado para que eu não viva com, um desterrado no pior de todos! carcere do amor!

ALMA de alvorada, berço de alegria, para o meu deserto, para o meu viver!  
Seja a tua prece viva prophécia para que eu não morra sem a liurgia que meus olhos pedem antes de morrer!

ALMA sempre virgem, que do céu baixando, me preside aos sonhos, candida e fiel!  
Seja a tua prece como um riso braido como, n'um duetto, dasaros cantando, para quem da ausencia bebe sempre o fel!

ALMA nobre e pura, doce eucharistia que purificou-me o coração em flôr!  
Seja a tua prece e como a de Maria, dê-me a tua bõca favos de alegria para que eu bemlga nosso eterno amor!

Mimas Gerais.

DEMOSTHÈNES DE OLINDA.



**CRÈME SIMON**  
PARA  
conservar ou dar  
ao rosto  
FRESCURA  
MACIEZA  
MOCIDADE.

Para proteger a epidemia contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha mulher que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

**J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS**  
PHARMACIAS, PERFUMERIAS  
e lojas de Cabelleiros.

*Desconfiar das Imitações.*

## CHRONIQUETA

20 de Março de 1898.

Tristíssimos têm sido, formosas leitoras, estes últimos dias da vida fluminense. É muito difícil bordar uma chroniqueta alegre com os factos que elles nos deparam. O chronista é obrigado a trocar por um alaude a risonha guitarra que traz a tracollo, então, em vez de uma congoneta, uma litania ou um responso!

Politicamente falando, não ha por enquanto nada que nos assuste. Como as leitoras sabem, a eleição presidencial foi feita sem barulho, e a indicação do governo deixam a dizer que a indicação não é do governo! foi universalmente aceita: a chapa Campos Salles & Rosa e Silva venceu em toda a linha. Também a questão do Club Militar não deu, felizmente, nada de si, e o processo judicial, do attentado de 5 de Novembro prosegue sem sobresaltar oem mesmo impressionar ninguém. Não, politicamente não temos motivos para grandes receios, embora o cambio continue baixinho, muito baixinho...

Mas que nota dolorosa a do fallecimento do Dr. Errazuriz, o ministro plenipotenciario do Chile, assassinado pela febre amarella, mas victima igualmente das suas imprudencias e extravagancias.

A febre foi benigna, dizem, mas dizem tambem que o Dr. Errazuriz era um cardiaco sexagenario, que gostava de convites; dormia ao relento sobre a relva, empanturrava-se de fructas, abusava dos ovos duros, etc. Não sei: só sei que passámos pelo desgosto de o ver morrer aqui, elle, o representante do paiz que mais sympathias tem mostrado pelo nosso, elle, que desejáramos feliz e satisfeito...

Outra nota dolorosa foi o suicidio desse pae de familia que por uma ironia do acaso se chamava Alegria. — um homem que todos suppunham venturoso e alegre como o seu nome, e foi procurar no cano de um revolver um remedio absurdo e terrivel contra mysteriosos infortúnios.

Que Alegria triste!

Ainda outra nota dolorosa foi a resolução, tomada pelo Prefeito, de sancionar a disposição do conselho municipal, consentindo que os *bólches* funcionem todas as noites que Deus manda.

Não sei, realmente, aonde vamos parar com tanta e tão desenfreada jogatina! É preciso ser cego para não ver que essa é a causa principal de todos os nossos males. O jogo dos bichos, o lotto, os frontes, as loterias, os *bólches*, etc., são elementos mais que sufficientes para pôr este paiz de pernas para o ar, e desmoralisar completamente esta sociedade!

Houve ainda outras notas dolorosas, como a morte do Cruz e Souza, o prosador do *Messal*, o poeta dos *Broques*, — mas para que ensombrar ainda mais estas linhas que deviam ser risonhas e petulantes?

ELOY, O HERÓI.

## THEATROS

21 de Março de 1898.

A companhia do Apollo acrescentou agora o seu opulento repertorio com mais um vaudeville de Georges Feydeau, *Le fil à la patte*, traduzido por Moreira Sampaio e Acacio Antunes com o titulo *O amor traço-bolho*. É a terceira vez que o auctor de *Championnel* e de *Ha ça ça ça* figura nos cartazes dessa companhia.

Trata-se na nova peça de um moço que se deixou prender pelos encantos de uma cantora de café-concerto, e, chegado a occasião de entrar no rol dos homens serios, isto é, de casar-se com a filha de uma baroneza de *la haute*, se vê deversas embaraçado para desfazer-se dessa ligação importantissima. A cantora da um escandalo medonho em casa da baroneza, e o casamento é logo desmanchado, mas a noiva não está pelos autos, e ella propria vai ter à casa do noivo e ambos se reconciliam.

Como se vê, o entredo é simplicissimo, ou por outra, não ha entredo; mas a peça é abundante em situações, episodios e qui pro-quo de um comico irresistivel, tendo, além disso, alguns personagens hilariantes, como sejam um general peruano, um compositor de cançonetes, uma janota que não pode estar polia por de ninguém por ter não halito, e um secretario *ad hoc*.

Sob o desempenho dos papéis muito houvera que observar, se fizéssemos critica nestas ligeiras noticiis; limitamo-nos a dizer que as honras da representação couberam ao actor Peixoto no papel do compositor de cançonetes, um pobre diabo que leva toda a peça perseguido pelo general peruano e afinal é preso pela policia por um delicto que não commetteu.

O publico riu e applaudiu.

No Sant'Anna tivemos um dramalhão, *O Tribunal do Jury*, a cuja representação não assistimos, e no Recreio continuam as representações do *Jaqueiro*, infelizmente muito alteradas pelos artistas.

Foi muito bem recebida a idéa, que tiveram os artistas do Apollo, de dar aos domingos, em matinees,

a titulo de experiencia, representações de peças litterarias nacionaes e estrangeiras, principalmente nacionaes.

Essa experiencia é tentada de accordo com a empreza do Apollo mas independentemente dos espectaculos da casa.

Os artistas nomearam uma commissão que se encarregará de dar os passos necessarios afim de que essa tentativa surta os desejados effectos.

Conta-se para esses espectaculos com a protecção da alta sociedade fluminense, e nos desde ja os recomendamos ás leitoras da *Estação*.

Falleceu o actor Vicente Rodrigues, que não era noutra como artista, mas contava innumerias sympathias na sua classe, por ter sido o fundador da Caixa Beneficente Theatral, e ter revelado, como protractor, cobrador e *facultador* dessa piedosa associação, um grande espirito amoravel e philantropico.

X. Y. Z.

## A moda entre nós

Parece prematuro com os grandes calotes por que passamos — fallar em chapéus de outono; entretanto é de toda actualidade dar a conhecer as novidades creadas pelos artistas em modas.

Esta estação a moda felizmente está inspirada; nunca ter-se-ha visto chapéus mais arrebatadores e os modelos que tive o prazer de admirar, em uma das primeiras casas do Rio — cujo nome faz authoridade — são idealmente lindos.

São graciosos de forma, harmoniosos de cor, em uma palavra, tem tudo quanto é necessario para acrescentar ao encanto de um rosto amavel, o atractivo de uma bella moldura.

Elles vão pois nos apparecer flexiveis, encantadores e garridos em nossas cabeças, alegando a physionomia e se harmonizando, seductores com o vestido claro que faz estremeceer a carena do zephyro.

Segundo os apontamentos que me foram dados, em vossa intenção, queridas leitoras, me é preciso assignalhar-vos o successo da *louca* que será por excellencia o chapéu de theatro, isto é, aquella que tocará bellamente uma mulher que se toucara facilmente com sua toilette de passeio e, que será de dimensões bastante modestas, para não emcommodar as pessoas que ficarem por detraz della na platea ou nos camarotes. O chapéu que proteger sufficientemente a cabeça pelo exterior e não ficar esmagado por um catafalco estorvante na sala. O chapéu enfim que se puder conservar sem levantar protestos dos visinhos e que animar com suas vivas cores o triste oceano das cabeças humanas, sob os logos dos histres.

Não é nesse caso uma *louca* e *loquazinha*, muito levantada dos lados, isto é, um nada admiravelmente amarrado, e sempre de nuança clara, por vezes alteado de azeviche, de bordados de lantejoulas ou vidrilhos algumas vezes de gaze, filo, renda, bordados laminados de ouro ou prata, collocado garridamente para traz, justamente de forma a prender o chignon.

A *louca* juntam-se ainda o *Amazona*, o *Martilheteo*, o *Mosqueteiro* todo erguido de lado, o Luiz XI, o *Lamballe* e mil fantasias que a descripção é impotente para enumerar tão variadas e lindas são ellas.

O chapéu mais pratico para viagem e para acompanhar um vestuario alveite e o *canotier* ornado por um laço de fita muito erguido e de plumas...

Como nuanças de palha: a branca, a cor de rosa, a amarella, a verde-nilo e a cor de malva assium como o vermelho estão muito em voga.

A assignalar tambem o azul-turqueza, esta cor encantadora que fica igualmente bem em todas as carnações frescas e delicadas.

Em materia de guarnições, flores em profusão, cuja gamma de tons é inexgotavel: roseo-rosas, roseo rei, coração de rosas etc., etc. muito lyrio para as senhoritas.

As fantasias de plumas e os passaros são muito empregados, do mesmo modo que os amarraditos de gaze tão lindamente nuancados, os laços de fita muito altos e os veosinhos, de fazendas delicadas, collocados em volta do casco, constituem os mais graciosos ornamentos.

Os chapéus negros guarnecidos de plumas negras e apenas alegrados por plumas brancas serão muito correntemente usados pelas senhoras as mais elegantes.

Para moeinhas, eis um modelo adoravel que parece destinado a um grande successo. É um grande chapéu redondo cercado de gaze, com grande laço *Bayon* muito alto, posto na frente o que é da maior elegancia.

Uma palavra sobre os veosinhos indispensaveis para conter as fulvas ondulações dos cabellos.

Os fios de renda de *oñales* e os fios gregos são muito mais apreciados, pretos ou brancos, com grandes moscas pretas. Uma linda fantasia e o veosinho de renda applicação em relevo, cujo emprego forma uma folha de Trifolio porém de quatro folhas, o encanto da actualidade!

Tambem vê-se por toda a parte em breloques, broches, allineles, etc. etc.

Passemos agora á analyse das toilettes publicadas pelo vosso querido jornal *A Estação* que é sempre o mais bem informado sobre as novidades parisienses.

Um grupo de encantadores costumes de meia — Estação, p. 1, creados para a estação primaveril e que conviriam muito bem para os doces dias outomnaes.

Esses costumes deverão ser executados em fina lã, em escoceseza, em estampanha e em paninho.

O manto será copiado em sillesiana, em seda apropriada a este genero de vestuario, com chapéu *canotier* de palha ou chapéu Luiz XI.

Costumes de casa para creanças, p. 2; fazem-se de cheviote, de burel, de riscadillo, de panninhos, acompanhados de aventaes, de fina nansouk, ornados de bordados.

Costumes de amazonas p. 3, taes como são descritos; mas eu recomendo sobre tudo em todo o ponto a elegancia da *1<sup>a</sup> toilette*.

Depois vem as vestes intimas, p. 4. É esta parte importante da toilette, porque os detalhes intimos distinguem as senhoras muito elegantes das que não o são.

É do ultimo genero, para as peças internas: batista, cambraia e nansouk, fazer a camisa, o corpete, as calças e a sua pequena do mesmo tecido. Mas quando se trata de tecidos quentes ou de fazendas de seda por exemplo o corpete e a saia deverão ser rigorosamente da mesma seda, ou do mesmo vertim. Seria um crime de lesa-elegancia proceder de outro modo. As camisas dormir 16, 30 — as da manhã — 43, as combinações 40—51, o paletot de dormir 31, tudo isso se faz de fazenda fina ou de sedinha e de cor diferente da parte intima da toilette. Os vestidos de casa 30—55 copiados em seda, transparente e crepe grosso, branco de preferencia, serão inteiramente encantadores.

Quanto as toilettes 31, 33, 36, 37 para bailes, jantares ou saiaes seguiu-se-ha as indicações do jornal. O tocado 57 é muito lindo, nada vulgar, dos mais novos, mas só pode convir a pessoas muito novas por causa de seu aspecto um pouco bonanheiro.

A toilette de baile, da gravura colorida 13 o reproduzida em preto e branco é o ultimo brado de elegancia.

Indicar-vos-hei proximanente, queridas leitoras, a maneira de levantar os padrões; teréis assim, em alguns minutos, um grande numero de padrões da mais alta novidade e da ultima creação.

A chronica mundana registra, todos os dias, numerosos casamentos, nos assignalla algumas festas intimas e os passeios em que se encontra todas as elegantes da Sociedade Brasileira.

Recentemente realisoou-se, na igreja de S. José, o casamento de Mr. Antiches da Fonseca Lobo, com Mlle. Emides da Costa Leite.

Do Sr. João E. de Oliveira com a senhorita Flora Belmira de Azevedo.

Do Sr. Dr. Augusto do Amaral Peixoto com a Exma Sra. D. Alice Corrêa Monteiro, filha do Sr. Antonio José Pedro Monteiro, funcionario do Banco da Republica.

Aos actos civil e religioso serviram de testemunhas os Srs. Coutta-almirante Dr. José Pereira Guimarães e sua exma. esposa, Desembargador José Antonio Gomes, Dr. Antonio Pacheco Leão e Dr. Luiz do Amaral Gurgel.

O acto civil realisoou-se na residencia do pae da noiva e o religioso na matriz de S. José.

Foi bella festa intima, que realizoou ultimamente em sua residencia, á rua do Conde de Bomfim, reunio o negociante desta praça Sr. Angelino da Costa Simões algumas familias e cavalheiros, por ser esse o dia do seu anniversario natalicio.

Fez-se boa musica e dançou-se animadamente até á madrugada, salindo todos satisfeitos pelas gentilezas recebidas do Sr. Simões e de sua exma. familia.

Anniversario natalicio do tenente coronel José Caetano de Farias, commandante do regimento de cavallaria da brigada policial, os officiaes tendo á frente o major Cruz Sobrinho, fiscal do regimento, foram comprimental-o em seu gabinete, tocando durante a solemnidade a banda de musica do regimento.

Citemos agora os nomes de algumas elegantes, sempre muito admiradas, no passeio da rua do Ovidor.

Primeira a Sra. baroneza de Bural, em sua deliciosa toilette de seda cereja cambiante; muito garridamente guarnecida de renda, chapéu amazona de palha verde todo ornado de flores.

Mme. Teixeira de Castro, vestido de gaze lilaz de ramalhetes, chapéu de palha amarello, guarnecido de rosas e de um laço de fita de setim branco.

Mme. Paiva Cointo, toilette de foulard impressa azul e branco com cinto-banda de setim branco, chapéu de palha verde ornado de uma coroa de rosas e de um paraizo negro.

Mme. Oscar Varady, toilette de gaze azul impressa de ramalhetes, cinto-banda de seda azul, chapéu de palha negra guarnecido de penachis de plumas negras.

Mme. Beatriz Camara, muito elegante em uma toilette de estampanha verde-alfazê, guarnecida de velludo preto, toquinha de tafletas ornada, ornado de flores e folhagens.

Mme. Ferreira de Aguiar, toilette de setim preto, com papos de rendas de Bruxellas. Chapéu de palha ornado de fita de velludo preto e de um passaro do paraizo.

Mlle. Annita Guimarães, muito elegante em vestido de seda azul salpicado de florinhas. Touca preta cercada de flores e penas de gallo voltados para cima.

Mlle. Odette de Andrade, toilette de seda azul celeste, guarnecido de laços de fita adequada, chapéu *canotier* ornado de fita de setim e garça-branca.

Mlle. Luiza Coutinho, em lindo vestido de transparente creme, sobre setim adequado, cinto-banda de setim vermelho, chapéu de palha vermelho guarnecido de flores e folhagens.

Mlle. Alice de Magalhães, costume alfaiate de fustão branco, chapéu de musselina de seda ornado de papoulas.

Mlle. Elvira Peixoto, em deliciosa toilette de cambraia bordada em obra aberta sobre transparente de seda vermelha, collarinho e cinto de setim vermelho, chapéu de palha *canotier* ornado de fitas e de setim vermelho.

## AS NOSSAS GRAVURAS

no N. 5

## Henrique Heine

Elle, em vida, nunca soube ser orgulhoso e grande, mas soube morrer orgulhoso e grande. E eu sou o gladio, eu sou a chamma, exclamou elle — e as suas palavras se realizaram. Contra o gladio ainda hoje se oppõem os gladios. O seu nome quasi se tornou um grido de guerra.

Cada vez se reúnem mais combatentes em torno delle e ainda outros para combate-lo. Cada seculo, cada decennio, verá a mesma luta enquanto o seu nome viver.

As actas sobre Wolfgang Goethe se acham encerradas. Elle se tornou cada vez maior a medida que nos afastamos do periodo em que elle viveu, a semelhança do que acontece com uma grande torre que, enquanto estivermos proximo della quasi nos passa despercebida, rodeada como se achá por muitas casas, mas que a medida que della nos afastamos se destaca cada vez mais; se nos afigurando mais alterosa do que nunca.

Não ha quem não tenha um certo respeito por Goethe

Este respeito não o temos, porém, por Heine, por mais que o admiremos. Elle tinha respeito de menos; combateu com armas deshonestas contra pessoas mortas que não mais se podiam defender com a palavra — e por isso muitas vezes elle hoje é combatido com estas mesmas armas. E a luta não se acabará porque elle era um grande poeta e tanto os seus amigos como os seus inimigos teem razão.

Ha muitos poetas, para cujo reconhecimento e valor mais vale saber onde morreram do que onde nasceram.

Os dois antipodas Platen e Heine pertencem a este numero. O conde nobre, inspirado pela antiga e classica belleza das formas morreu na Italia; o poeta-jornalista, irriquieto e elegante falleceu em Paris porque em Paris, onde se rompeu do modo mais radical com o passado, o judeu moderno, que tudo esperava do futuro, devia se achar mais á vontade.

A força deste elemento semítico em Heine é muito maior do que a principio se imagina. O judaismo, disse elle uma vez, zombeteiramente, não é uma religião, mas sim uma infelicidade. Elle desprendeuse da religião, mas do infortunio não. Quando elle o fez, elle se envergouhou até a medulla dos ossos. Pela sua conversão, elle absolutamente nada lucrara, quer em vida quer depois de morto — mas perdeu muito. Porque isto foi uma descahida, não só da creença dos seus antepassados mas tambem de si proprio, porque elle mentia, porque elle odeava o christianismo para o qual se converteu, porque elle só o podia aproveitar como *billet d'entrée* para a cultura europaea.

Harry Keine (pois só depois da sua conversão tomou o nome de Henrique) creou-se no seio de uma familia judaica em Duesseldorf. Segundo um nasceu a 13 de Dezembro de 1797, segundo outros em 1799. Herdara as paixões e uma vaidade quasi infantil do seu pae Samsón Heine, e da sua mãe, uma grande somma de bondade e de qualidades nobres. Foi um discipulo muito applicado mas aos dez annos já era muito nervoso. Nunca pôde supportar o canto em voz alta e nunca gostou da musica nem a conseguiu aprender e no entretanto foi talvez o poeta allemão que tinha a linguagem mais musical.

Não é necessario examinar as diversas phases da vida de Heine. Ellas são quasi todas conhecidas: como o jovem poeta gostava de conversar com a bella filha do juiz Josepha cuja mãe lhe cantava canções funebres horripilantes; como elle leu Spinoza e ao mesmo tempo os seus livros predilectos D. Quixote e Viagens de Gulliver — e como elle, mais tarde se devia fazer negociante em Frankfort, profissão esta para a qual não tinha a menor vocação — até que finalmente chegou a Hamburgo, esta cidade, que tão importante papel fez no seu desenvolvimento, e onde morava o seu tio rico ao qual tanto encommodou e em que morava a sua prima Analia que tantos pezares lhe causou.

Com estes pesares elle encheu o seu «Livro de Canções» (*Buch der Lieder*) e com as lagrimas elle regou os seus poeticos canteiros de cravos. Sabe se tambem, que elle no negocio foi tão infeliz como no seu amor pela prima, que o seu tio de quando em vez tinha de adeantar mais dinheiro, e que Heine afinal entrou para a universidade onde se formou em direito, são factos egualmente sabidos.

Não se deve, porém, deixar de collocar o tio de Heine na melhor luz. Todo e qualquer outro teria logo abandonado o presumposso poeta. Salomão Heine, porém o auxiliava sempre e sempre, não obstante o poeta gastar o seu dinheiro com a maxima franqueza e quando, por acaso, o tio o censurava por isso elle lhe costumava dizer: «Sabeis, «senhor meu tio que a melhor cousa que tendes é o terdes o nome da minha familia» com o que este ficava muito indignado. A revolução de Junho levou o poeta a tomar afinal outro rumo. Seguiu para Paris. Os seus livros foram prohibidos mas apesar disto produziram enorme sensação. Durante doze annos ahi recebia um ordenado do governo francez, mas depois uma molestia da espinha o fez guardar o leito onde permaneceu durante longos annos pois só falleceu em 1856. Sofreu muitissimo e gastou mais ou menos 100 francos de morphina annualmente, a qual afinal não mais mitigava as suas dores. E não obstante o seu espirito se conservou lucido e elle ri-se e zombava: «Sou agora um pobre judeu mortalmente enfiado, um quadro da miseria, um homem infeliz».

E a uma pergunta feita por um seu amigo sobre a sua conversão, ao christão respondeu o seguinte: «Não voltei ao judaismo porque nunca o deixei.» Durante estes annos de enfermidade a sua enfermeira foi a sua mulher, uma senhora gorda, alegre e algum tanto tola que gostava de ri-se e se fingia ainda mais ignorante do que realmente o era para poder passar por ingenua. Nos ultimos tempos tambem se via á sua cabeceira um outro ser joven, moço e bello — a «*Monche*». Poetas horripilantes, affiagos de um semi-morto se acham ligados a esta curiosa creatura. No anno de 1850 o declino foi rapido. O seu corpo se achava reduzido ao de um menino de dez annos, os seus pés não tinham acção e estavam tão torcidos que os calcanhares se acharam no logar em que se deviam achar os peitos dos pés — um espectáculo horroroso. E então, pouco antes do seu fim, elle perante um amigo conternado ainda teve o seguinte dito espiritoso: «*Dien me pardonner, est son melier*. As ultimas palavras foram: «*Escrever*» — «*papel*», — «*lapis*». Na manhã de 17 de Fevereiro 1856 as 4 e 3 quartos expirava. Dizem que a sua physionomia depois da morte se parecia com a de uma estatua de marmore, Mignet, Santhier e Alexandre Dumas, em companhia de mais umas cem pessoas, acompanharam o seu corpo até a ultima morada.

Si considerarmos bem isto, veremos que uma tal vida não é uma grande vida, ao contrario: uma existencia de litterato com todas as suas mesquinhez, cheia de pezares, de luctas partidarias e de falta de dinheiro. Faltam duas cousas a uma tal vida: a grande idea e o grande amor. A grande idea — porque o que foi ella em Heine? O amor a arte da poesia? Oh! elle muitas vezes deshonrou a poesia e o seu talento. O amor da liberdade? Ora, elle apenas a amou quando ella era bella e não era ridicula, quando ella não encommodava o seu bem estar, e elle podia fazer boas poesias com ella. Como judeo elle era democrata moderno e como genio, como poeta elle era inimigo-nato das massas. Elle amava a Allemanha quando sonhava como poeta e odeava a Allemanha e anava a França quando o espirito moderno subjugava o outro sentimento. Odeava o semitismo e não obstante o aceitava.

O dia de centesimo anniversario, porém, é um máo dia para se o julgar. E' melhor que nos lembremos daquillo que lhe devimos e isto é muito. Podemos esquecer os seus dramas bem como os seus escriptos zombeteiros contra Horne e Platen; podemos esquecer as suas grandes satyras e todo o mais que disse contra a Allemanha. Qualquer allemão ficará furioso quando se lembrar do «ordenado» que Heine e recebia dos cofres publicos da França, quando elle se lembrar do que elle dizia da Prussia — mas ouvi os nossos filhos cantar! Elles cantam a *Loreley*, e aquelle allemão que não sentia emocionado, será um máo allemão, pois esta canção traduz toda a saudade que o ancior tinha de sua patria. Queremos dizer que o Henrique Heine só se será considerado allemão pelos allemães quando estes só se lembrarem da *Loreley*, esquecendo-se do nome do seu ancior.

## Salão no estylo de Luiz XVI

Ter uma casa de «estyllo» é o sonho doirado de toda a parisiense elegante, em primeiro logar porque ella adora o luxo em si e em segundo logar porque uma moldura rica põe mais em evidencia o seu retrato. Ella sabe adaptar perfectamente esta moldura a sua individualidade, não ignorando egualmente que as bellidas louras ou morenas precisam se cercar de objectos de matizes diferentes, a fim de que sobresaia mais.

Presentemente a moda exige um salão no estylo a Luiz XVI como o nosso quadro o representa. As voadas são forradas com um estoffo amarello fosco, guarnecido de grinaldas cor de rosa ou verde. As *draperies* consistem em seda da India cor de rosa clara, ou de seda verde-amarellada, guarnecida de ramagens e listras cor de rosa e verde escuro, estoffo este que tambem guarnece a mobilia. Sobre as cortinas feitas de seda cor de rosa, ainda repousa uma outra cortina rodada cor de ouro, guarnecida de franjas e rendas, de modo que a luz só penetra no aposento um tanto rarefeita.

O madeiramento dos moveis esculpidos e guarnecidos de filetes doirados, e branco, bem como a moldura do espelho e o piano que tambem são envernizados de branco e pintados com cores claras e delicadas.

O relógio do apparador é todo no estylo a Luiz XVI bem como os candelabros e os luppécios.

O que porém mais agrada aos amadores deste estylo, será com certeza o grande numero de riquissimos biomboes que entram na ornamentação da sala.

## Bang-Pa-in, um Versailles siamez

Quantos não ficarão admirados ouvindo fallar em um Versailles na India! Como e que um tão brilhante castello real pôde achar-se em uma região habitada por elephantes e cujas florestas enchem o valle do grande rio Menaua.

Poder-se-hia esperar encontrar ahi o elephante branco, palacios indicos ou pagodes mas nunca um castello equal áquelle que o *Roi Soleil* Luiz XIV mandou edificar nas proximidades da grande capital franceza. O facto em si, parecendo inverosimil é no entanto real. Mesmo depois de se haver admirado os

explendores da cidade real, dos palacios de Bangkok, mal se pode acreditar nos seus olhos quando se vê o Versailles siamez, com os seus palacios de marmore, os seus pagodes lagos e canaes artificiaes os seus pavilhões e templos. O rei Tschulalongkorn, este *Roi Soleil* do Siao, o creou sem nunca haver visto a planta do Versailles europeu. Quando, ha pouco, passeava pela Europa e viu Versailles, elle com toda a razão podia exclamar: «Eis aqui um Bang Pa-in enropeu!»

Subindo-se o rio Menaua chega-se ao cabo de algumas horas de viagem a Bang-Pa-in que fica um pouco do norte de Bangkok, entre a actual capital do imperio siamez e a antiga, a cidade Ajutiah. No percurso do rio encontra-se com grande surpresa um templo siamez construido em estylo gothico situado em uma illa pittoresca a qual causa uma impressão extraordinaria sobre aquelles que ahi só estão acostumados a verem templos de Buddha e pagodes.

Uma bella ponte de desembarque guarnecida de pequenos pavilhões, e situada na margem do rio ao longo da qual se estende um numero regular de edificios europeus, faculta ao viajante o desembarque no local em que se acha Bang-Pa-in.

Ha um decennio toda a região nada mais era do que matta virgem e pantano, o escondrio de elephantes e de crocodill-s. no qual só os mais ousados caçadores ousavam penetrar. Hoje em dia, centenas de hectares estão transformados em um parque, com os seus canteiros e os seus pequenos bosques cuidadosamente tratados, mostrando todo o esplendor da vegetação tropical e a mais bella combinação artistica. Para se conseguir isto provavelmente se teve de sacrificar a quantia de muitos milhões, milhares de escravos trabalharam durante muitos annos na excavação e muragem da grande bacia d'agua e dos canaes na construção dos primorosos palacios brancos nas *gloriettes*, pagodes, *columnnats*, villas e casas de campo que formam a residencia principesca.

A parte central do conjunto é formada de um grande lago mirado no centro do qual se acha construido um bellissimo pavilhão em forma de cruz, sustentado sobre columnas de pedras.

Quando o rei ahi se acha, uma banda marcial a diversas horas do dia toca, enquanto que as mulheres do rei, em riquissimas gondolas doiradas percorrem a superficie espelhada do lago ou entram nos diversos canaes lateraes, cujas bordas são guarnecidas de bellissimo canteiros cheios das flores mais aromaticas. Nas claras e transparentes aguas, grande numero de peixes de todas as cores, nadam de um para outro lado.

No plano posterior, uma larga escadaria de marmore conduz a um terraço sobre o qual se ergue o palacio real propriamente dito, construido no estylo renaissance italiano moderno. A parte principal do 1.º pavimento é occupado por uma bella sala de throno, com bellissima pinturas siamezas e bordadas. Na parte posterior ergue-se o throno collocado em cima de um estrado coberto de velludo amarello e encimado por um baldachno de velludo encarnado, todo coberto de bordados a ouro. Por detraz da sala do throno a sala das refeições e uma sala de bilhar mobilada á europaea. O primeiro andar contem os aposentos particulares do rei, a sua bibliotheca e secretaria, quarto de banho e dormitorios. Um outro palacio contem uma lindissima sala de audiencias, um terceiro serve de quartel da guarda real; um quarto é destinado ao agasalho de hospedes de distincção, no qual tambem esteve o actual imperador da Russia.

Em frente a este ultimo o collocado no centro de um grupo de altas palmeiras se achá o mais bello dos edificios de Bang-Pa-in, o *palacio chinês*. Um Cresco chinês, que ganhou os seus milhões em Siao o mandou construir e com elle presenteou o rei. O imperador do imperio celeste não possui um palacio de tal riqueza; na China não ha um edificio que possa ser comparado com elle.

Toda a construção, desde o maravilhoso telhado de porcellana até a balaustrada de madeira que circunda as varandas inferiores, é do mais puro estylo chinês, com innumerias gravuras, pinturas e doirados. Espalhados pelo vasto parque, acham-se as residencias das rainhas e das damas do harem, dos numerosos filhos do rei e do pessoal do palacio. Só se pôde apreciar verdadeiramente todo o encanto deste logar quando o rei ahi se acha, pois então tudo se acha em movimento inclusive os numerosos hiates e as innumerias gondolas que se acham fundeadas nos lagos.

Infelizmente o Versailles siamez, nos ultimos annos não tem sido muito frequentado pelo rei.

Elle recentemente mandou construir um novo palacio na Ilha de Kohsitschang no golfo de Siao, ao qual elle actualmente dá a preferencia.

Presentemente o parque e os jardins estão cobertos de matta, bem como a estrada quiz para ahi conduz e em pouco tempo o palacio apresentará um aspecto tão tristonho como o da antiga cidade real Ajutiah.

## MOLDES CORTADOS

N. 77. Corpinho — alfaiate 18000. N. 72.  
Roupão 28000.